



A participação da família nas escolas do campo: uma perspectiva de gestão democrática

Family participation in rural schools: a democratic management perspective

Maria Aparecida Vieira de Melo⁽¹⁾

⁽¹⁾Professora e doutoranda (Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba), Recife/PE; Email: m_aparecida_v_melo@hotmail.com

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 09 de setembro de 2017; Aceito em: 30 de abril de 2018; publicado em 02 de 09 de 2018. Copyright© Autor, 2018.

RESUMO: A educação no campo emerge no movimento por uma educação pública do/no campo. Sendo assim, o movimento é constituído por famílias camponesas que lutam por direitos humanos básicos, inalienáveis e indivisíveis, como a educação, a moradia, a terra, a segurança, o trabalho, a saúde e outros direitos. Nesta perspectiva a família é essencial neste processo viabilizando assim processos de participação democrática. A problemática que suscita este estudo é como que se dá a participação das famílias nas escolas do campo? A finalidade desta pesquisa é compreender como que se dá a participação das famílias nas escolas do campo do município de Canhotinho-PE, e mais especificamente, identificar o comportamento das famílias na participação escolar dos filhos e conhecer os momentos que as famílias participam dos processos educativos de seus filhos. Metodologicamente é uma pesquisa qualitativa que se desenvolveu por meio da observação e da entrevista com os professores sobre a participação da família, a gestão democrática e os processos educativos. O marco teórico desta pesquisa subsidia-se a luz de autores como: Paro (2000); Maldonado (1997); Tiba (2002) e outros. Este estudo teve como resultado a limitação da participação da família nos processos formativos dos seus filhos, inviabilizando assim a essência da gestão democrática, o que acarreta um trabalho pedagógico solitário do educador atuante nas escolas campo de pesquisa deste trabalho.

PALAVRAS CHAVE: Democracia, participação, educação.

ABSTRACT: Field education emerges in the movement for public field education. Thus, the movement consists of peasant families who fight for basic, inalienable and indivisible human rights, such as education, housing, land, security, work, health and other rights. In this perspective, the family is essential in this process, thus enabling processes of democratic participation. The problem that this study provokes is how the participation of the families in the rural schools takes place? The purpose of this research is to understand how the participation of the families in the rural schools of Canhotinho-PE, identifying the behavior of the families legitimize the participation and to know the moments that the families participate in the educational processes of their children. Methodologically, it is a qualitative research that has been developed through observation and interview with teachers about family participation, democratic management and educational processes. The theoretical framework of this research is subsidized in the light of authors such as: Paro (2000); Maldonado (1997); Tiba (2002) and others. This study had as a result the limitation of family participation in the formative processes of their children, thus rendering the essence of democratic management impracticable, which entails a solitary pedagogical work of the educator working in the schools field of research of this work.

KEYWORD: Democracy, participation, education.

INTRODUÇÃO

Em 1997 acontece o primeiro Encontro Nacional de Educação da Reforma Agrária (ENERA), este evento possibilitou um alargamento da discussão em relação à educação do campo. Momento que tivemos a participação da Universidade dialogando sobre as especificidades da educação do campo.

Assim, a educação do campo passa a ser dialogada de forma democrática mediante o conjunto de participantes juntos dialogando sobre as especificidades e peculiaridades da educação do campo numa perspectiva contemporânea e consequentemente democrática (CALDART, MOLINA E ARROYO, 2004).

Embora, a educação do campo passe a ser objeto de interesse e discussão de vários pesquisadores universitários juntamente com os movimentos sociais do campo que a forja em sua luta diária, sabe-se que as famílias camponesas são as mais presentes nos processos educativos de seus filhos. A problemática presente neste estudo é a participação das famílias nas escolas do campo. Sendo assim, como que se dá a participação das famílias nas escolas do campo?

Neste sentido, é importante direcionar o olhar para os objetivos, os quais são: compreender como que se dá a participação das famílias nas escolas do campo do município de Canhotinho-Pe, e mais especificamente, pretende-se ainda identificar a gestão democrática nas escolas do campo por meio da participação das famílias, identificar o comportamento das famílias na participação escolar dos filhos e conhecer os momentos em que as famílias participam dos processos educativos de seus filhos.

Metodologicamente é uma pesquisa qualitativa, a qual foi permeada pelo instrumento metodológico, sendo este, a observação e a entrevista realizada aos educadores de algumas escolas do campo do município de Canhotinho-PE., pois se acredita que possibilita ampliar as informações obtidas por meio do diálogo entre o entrevistado e entrevistador (LAKATOS e MARCONI, 2003).

A fundamentação teórica que subsidia a reflexão-ação-reflexão é a luz de alguns estudiosos e pesquisadores sobre contextualização, multisseriação e complexidade, tais como Paro (2000); Maldonado (1997); Tiba (2002); Freire (1987) e outros.

Ainda a participação da família nas escolas do campo é precarizada, pois a participação da família é restrita, a saber, apenas o comportamento de seus filhos, questões relacionadas ao Programa Bolsa Família e vacinas na escola, ou seja, os pais ainda não interferem nos processos educativos dos professores, não são colaboradores de sua práxis pedagógica, pois inclusive o ensino é muito fechado em sala de aula.

Desse modo, precisamos continuar a busca pela compreensão de uma participação verdadeira e democrática na relação estabelecida entre pais e professores que possa corroborar com o aprendizado dos filhos, crianças e adolescentes que vivem e aprendem nas escolas com um currículo urbanocêntrico.

A GESTÃO DEMOCRÁTICA NO ATO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA

Os fatores que contribuem para o incentivo ou restrição da participação da comunidade, em especial os pais dos alunos, no cotidiano escolar são diversos, poderíamos citar aspectos burocráticos, distanciamento da cultura escolar para a realidade local, a falta de iniciativa dos pais em querer ocupar e participar dos espaços políticos dentro da escola e a existência de uma gestão que seja, de fato, democrática. A presença de uma equipe gestora que saiba mobilizar os familiares e a comunidade, criando uma ambiência de acolhimento e conforto para que se sintam à vontade em colaborar na construção de alternativas que contribuam para uma melhor educação, é fator decisivo para o sucesso de qualquer instituição de ensino.

Desde 1997 que Luck já defendia a quebra de paradigma do comportamento do “administrador” para o “gestor” escolar, sendo este último, na concepção da autora, uma pessoa mais acessível e comprometida, não apenas, com os aspectos administrativos da escola, mas também com a ação pedagógica da escola de forma a proporcionar ao aluno uma aprendizagem de qualidade (VARJÃO e FALCÃO, 2014). Contudo, sabe-se que apenas a abertura ao diálogo não é suficiente para que mudanças aconteçam na prática. Essa equipe gestora precisa criar condições para que a comunidade se sinta motivada a querer contribuir e se envolver nesse processo.

Para que a gestão se torne de fato democrática se faz necessário que a participação da comunidade aconteça de maneira espontânea e natural e que essa equipe possua uma boa formação pedagógica que priorize ações democráticas e colaborativas. É por meio desses encontros que a comunidade ganha vez e voz e tem a oportunidade de emitir a sua opinião sobre assuntos que impactam suas vidas e a de seus familiares e a escola, por sua vez, consegue elaborar um projeto que considere aspectos sociais, culturais e econômicos da comunidade em que a escola está inserida.

Gadotti (2014) afirma que um dos problemas pelo qual a família não participa ativamente nesses espaços é a ausência de uma formação prévia sobre como participar nesses momentos e uma consciência crítica de seu papel. O autor defende que não basta

apenas criar leis que oportunizem a participação das pessoas em escolhas que afetam diretamente suas vidas, mas ensiná-las ou dar mecanismos de como fazer isso acontecer na prática.

Com a globalização e a facilidade no acesso às informações e com o avanço das organizações civis no Brasil e no mundo, houve uma maior abertura no acesso à educação e na maneira como a mesma era organizada no país. Contudo, não bastou apenas criar meios que democratizasse o acesso das pessoas na construção de políticas de educação em nosso país, era necessário que as pessoas se sentissem motivadas em querer colaborar nesse processo. Era necessário formar as pessoas para participarem, como afirma Moacir Gadotti (2014): “formar para a participação é, também, formar para a cidadania, isto é, formar o cidadão para participar, com responsabilidade, do destino de seu país”. Essa afirmação de Gadotti nos ajuda a compreender um dos motivos pelos quais a comunidade não se sente motivada a ocupar e participar desses espaços. A suposição clichê de profissionais de educação quando questionados sobre o motivo pelo qual os pais não participam das reuniões da escola, e afirmam ser “porque não querem”, na verdade revela a falta de compreensão por parte dos gestores em reconhecer que a comunidade não sabe ou não entende a importância de tal ato.

Obviamente que essa afirmação de Gadotti não será alcançada de imediato. É preciso tempo, investimento e paciência para que os resultados comecem a surgir. Contudo, é importante deixar claro que, como afirma Motta (2003) “participar envolve uma relação de poder entre quem obtém mais ou menos poder”, e a compreensão sobre o papel exercido nessa relação fará total diferença nos resultados alcançados:

Evidentemente, participar não significa assumir um poder, mas participar de um poder, o que desde logo exclui qualquer alteração radical na estrutura de poder. Ainda, frequentemente é difícil avaliar até que ponto as pessoas efetivamente participam na tomada e na implementação das decisões que dizem respeito à coletividade e até que ponto são manipuladas. (MOTTA, 2003, p. 370).

Nesse sentido, educar as pessoas para ocuparem e participarem desses espaços é essencial para que não sejam manejadas em detrimentos de interesses adversos que não correspondam às necessidades da comunidade. Participar não é estar presente, apenas, é estar presente e se fazer presente através de suas intervenções, colaborações e compreender a importância do ato para o benefício do grupo, como afirma Gadotti:

E não basta apenas oferecer espaços adequados de participação. Será preciso criar planos estratégicos de participação, formar para e pela participação,

formar o “povo soberano” capaz de governar e de governar-se. Não se chama para a participação sem preparação político-pedagógica. A população precisa estar informada sobre o funcionamento do Estado, sobre as diversas instâncias de poder (executivo, legislativo, judiciário) e os diversos órgãos públicos, onde, como e quando pode participar. (GADOTTI, 2014, p. 7).

A participação será efetiva quando todos os envolvidos tiverem consciência de seu papel e importância no processo. Sendo assim, a defesa de uma gestão bem qualificada, com compreensão e capacidade de viabilizar momentos democráticos e participativos dentro e fora da escola, comprometida com a qualidade do ensino e a formação cidadão e profissional dos alunos. Uma equipe gestora que conhece a realidade local em que a escola está inserida, saberá como mobilizar os pais e demais interessados a participar do cotidiano da escola e acompanhar o desenvolvimento formativo de seus filhos.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para a realização deste trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa, que, de acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2000) “pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*. O protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade” (Bauer, Gaskell e Allum, 2000, p. 23). A escolha dessa pesquisa se fez necessário devido a sua importância no campo das ciências sociais, “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (Godoy, *et al*, 1995, p. 21).

A pesquisa se apresenta como qualitativa, uma vez que se fez uso do recurso metodológico da observação sistemática e da entrevista semiestruturada aplicada aos 7 (sete) professores de três escolas públicas do Município de Canhotinho-PE. As escolas campo de pesquisa foram: João Vitalino de Melo - Sítio Pedreizinha, Maria Augusta Henrique Lira - Sítio Luz e Laurindo Vieira de Melo situada na comunidade rural do Sítio Imbaúba. Vale ressaltar que todos os sítios são vizinhos e fazem parte do mesmo contexto cultural, social, político e econômico.

Em se tratando da observação, esta parece importante, pois segundo Quivy e Compenhaudt (2005, p. 77) afirmam que “a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos fatos e confrontado com dados observáveis”. Deste modo, é o que se realizou na investigação da respectiva pesquisa.

A entrevista tem como ponto característico principal ser uma conversação sistematizada entre dois indivíduos muito utilizados nas ciências sociais. Ao recorrermos à conceituação mais específica verificaremos que se trata de:

[...] é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (LAKATOS, 2003,195).

O tipo de entrevista utilizado foi a semiestruturada, a qual possibilita uma maior liberdade dentro dos diversos contextos, que será aplicada possibilitando a justa compreensão da realidade de determinada amostragem. As questões pertinentes estarão relacionadas principalmente sobre questões de: identificação pessoal e profissional dos profissionais envolvidos, conhecimentos que estes possuem acerca do objeto desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A necessidade da participação da família na aprendizagem dos educandos da escola do campo é importante, mas até que ponto? Se considerar que há crianças que se desenvolvem sem a participação da família em seus estudos.

Quadro 11 - A família da educação do campo

Fonte discursiva	Família da educação do campo
Professores/ codinomes	Excerto de depoimento
Ent. 01	A comunidade participa e não participam, pais no conselho escolar, reunião de pais e mestres, faz com que os pais participam. Os pais, porque muitos percebem que a agricultura dá certa sim, mas está acabando um pouco, está ficando sem trabalho. A necessidade é que o aluno estude, seu

	filho estude pra que ele procure uma profissão mais alta, melhor um pouco.
Ent. 02	Participação da comunidade escolar os pais dão ordem, os pais vem pra escola saber o comportamento dos filhos, notas, não ajudam na tarefa. A maior dificuldade é a não participação da família, a indisciplina de alguns. Você já percebe que a família não é estruturada, mesmo que não haja família modelo e perfeita, mas o não interesse da família compromete o desenvolvimento do aluno. Os pais não estão preocupados se aprendeu ou não, tanto faz como tanto fez. A falta de compromisso dos pais. O comportamento dos pais não ajuda no fazer pedagógico do professor. Muitos pais dão o que os filhos não querem estudar, trabalhar. A base é a família e a escola estando juntos em realidade é outra.
Ent. 03	Os pais sempre aparecem aqui para saber como estão seus filhos é desse tipo.
Ent. 04	Há e não há, entendes? A participação da família na escola porque eu não sou de chamar na escola e falar, mas não há essa participação muito não. Os pais não vêm muitos à escola. Eles participam quando eu chamo na hora de pegar as provas, eles são de vim, não são aquele de está todos os dias na escola, mas quando eu os chamo vem.
Ent. 05	Há sim participação dos pais, alguns são participativos. A tarefa de casa os pais ajudam, quando são eles que fazem a gente conhece.
Ent. 06	Há participação dos pais, sempre aparecem para saber como os filhos estão. Como meu filho estar?
Ent. 06	Falta de disciplina em casa, porque tantos que chegam sem a tarefa. A mãe não está nem aí, só faz aqueles que querem mesmo alguma coisa.

É interessante compreender que este cenário foi encontrado nas escolas do campo da respectiva pesquisa. Todos os educadores salientaram que a participação das mães na vida escolar de seus filhos é mais uma questão de comportamento e não de aprendizagem. Tendo em vista que muitas mães sequer sabem ler.

Nesta perspectiva, a família dispõe à escola a atribuição da educação que lhe cabe, como a formação da moral e valores, mas é importante ressaltar que a missão maior esperada da família da escola é a aprendizagem do universo escrito. Neste sentido, a escola assume sua missão ressaltando também a necessidade da colaboração da família. Sendo assim, compreende-se que ambas as instituições sociais esperam responsabilidades partícipes. Assim, Paro (2000, p.48) chama atenção para alguns fatores que corroboram para a necessidade da aprendizagem:

Na verdade, a disponibilidade de boas condições para o estudo nas casas das camadas mais pobres da população parece ser heterogênea, havendo desde situações de extrema precariedade até situações em que os pais põem à disposição de seus filhos boas condições de trabalho. Dada à situação de vida

dessas populações, é mais provável, entretanto, que predominem os casos em que faltam condições adequadas de estudo. Assim, a precariedade dos recursos e dos espaços para o estudo no interior dos lares não deixa de ser uma realidade que dificulta os trabalhos estudantis das crianças e jovens.

No que concerne à especificidade das condições de estudo, em se tratando do contexto do campo é evidente que o trabalho se sobressai em detrimento dos estudos (boa parte dos povos do campo driblam os estudos e o trabalho na roça), de tal modo que dificilmente os pais de fato acompanham os estudos e aprendizagem dos filhos. Pois, embora eles reconheçam a necessidade dos estudos, não são alfabetizados e por isso talvez não contribua com a aprendizagem dos filhos, principalmente em se tratando do acompanhamento das tarefas de casa, pois as crianças não têm a quem pedir ajuda, tendo em vista que os pais ou responsáveis não sabem.

Diante desta relação família-escola há o desafio que é: ensinar sem a parceria dos pais, pois as mães cobram comportamentos dos filhos que devem ser de sua responsabilidade e não da escola, o que ocasiona a necessidade dos educadores se desdobarem para favorecer a aprendizagem também de valores e morais. sendo assim é válido o que afirma Maldonado (1997, p. 11), ao ressignificar que “por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar”. Portanto, o comportamento das crianças pode ser a reprodução do contexto da família, o que favorece para a desordem na sala de aula.

Nesta mesma concepção, Tiba (2002, p. 183) ressalta a importância entre a família e a escola, pois “Se a parceria entre família e escola for formada desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar”. Significa, portanto que os pais e os professores são todos responsáveis pelo desenvolvimento integral das crianças e adolescentes da escola do campo.

A relevância da participação da família na vida escolar do filho é imprescindível, pois é nesta parceria que a criança se desenvolve com mais alta confiança. Nesta lógica Paro (2000, p. 68) salienta que “é muito importante o papel da família no desempenho escolar dos filhos, (...) há uma relação interdependente entre as condições sociais da origem das famílias e a maneira que se relacionam com as escolas.” de tal modo como depoimento dos interlocutores ressaltam que a participação da família acontece de forma esporádica, embora seja importante, este cuidado que os pais têm em relação aos seus filhos.

Diante desta especificidade é curioso entender a importância da família no processo de ensino-aprendizagem quando esta é parceira da escola, corrobora com o pensamento Hengemühle (2004 p. 13), ao dialogar sobre a necessidade de que:

A escola se faz com a contribuição de toda a comunidade educativa, um conceito que perpassa toda sua obra, destacando a pessoa do professor, agente principal de todo processo educativo, que internalizam as novas competências e habilidades necessárias à sua função, com a equipe diretiva, que coordena e dinamiza o projeto político-pedagógico e com os alunos, foco central da ação educativa, dos conceitos pedagógicos e das estruturas administrativas.

A comunidade educativa também é permeada pela presença dos pais no contexto escolar. Pois eles contribuem com a formação cidadã dos filhos incentivando-os e instruindo-os à presença na escola, em especial para aprenderem o que eles não tiveram a oportunidade de aprender.

Neste contexto de interação escola-família, tem educador que particularmente critica a postura dos pais em relação à educação dos seus filhos, pois não favorece para despertá-lo do interesse deles pelo conhecimento, afirmando que o que se faz na escola é destruído em casa.

Sendo assim, a família é importante para corroborar com o processo de ensino aprendizagem das crianças, pois é importante quando a escola e a família têm o mesmo interesse no desenvolvimento das crianças e adolescentes que conseqüentemente cobram juntas nas mesmas dimensões: o empenho e a dedicação das crianças e adolescentes para que a aprendizagem seja concretizada e de forma significativa.

A educação primeira é dos pais, disso não se podem ter dúvidas, pois sua importância jamais pode ser substituída por quem quer que seja em particular o educador. Ao considerar esta natureza primeira da educação familiar, Jesus (1996, p. 01) dialoga sobre a importância da participação primeira dos pais na promoção do acesso e permanência das crianças a escola. Sendo assim:

Os pais são os primeiros modelos para os filhos, tendo sobre eles uma influência que os professores não podem ter:

1 – Não vou defender que há fronteiras rígidas, intransponíveis – que marcam os compromissos para com a educação da criança ou jovem - entre pais e professores/educadores, mas haverá que reconhecer que nenhum deles substitui o outro em determinados papéis que lhes são específicos. Os pais “têm influência sobre a educação e o desenvolvimento dos filhos que é única e insubstituível”.

2 – Por sua vez, os professores e educadores, pela responsabilidade que têm na criação de condições para o desenvolvimento de capacidades, e para a aquisição e domínio de conhecimentos por parte dos alunos, estarão igualmente a contribuir decisivamente para a formação integral destes.

É nesta importância que o papel do educador jamais pode se sobressair do papel familiar, pois a família é essencial neste processo de desenvolvimento. Diante desta importância pais e educadores devem ser parceiros do mesmo objetivo: a aprendizagem das crianças. Nesta perspectiva, a realidade é que nem sempre os pais são educados para com seus filhos, pois eles usam da autoridade de pai e são rígidos em sua forma de falar e chamar atenção de seus filhos.

Assim é evidente que a preocupação dos pais se trata do comportamento e não necessariamente da aprendizagem de seus filhos. Salientando que muitos dos pais não possuem a escolarização fundamental. E acabam reproduzindo a educação que receberam de seus pais de forma autoritária e abusiva.

É interessante entender que a educação pode ser compartilhada, mas é de uma forma hierárquica e a intervenção dos pais deve ser no sentido da ajuda para que os processos educativos sejam internalizados, em espera no momento das famosas tarefas de casa. Mesmo os pais não sabendo ler, mas o apoio, o interesse em querer que o filho aprenda já faz o diferencial.

Diante desta especificidade da escola e dos pais, unidos corroboram com o desenvolvimento integral das crianças que estão em seu contexto social, tendo sua identidade fomentada, bem como as aprendizagens no cotidiano escolar. Nesta lógica, acrescenta-se o que Piaget (2007, p.50) considera como:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...].

É importante quando há reciprocidade entre educador e pais para o desenvolvimento das crianças. Neste interesse, pais e professores devem juntos, bem como caminhar na intenção de que a responsabilidade da aprendizagem possa ser de responsabilidade também dos pais, independentemente de eles saberem ou não ler e escrever, pois a motivação deve acontecer. No que concerne a esta especificidade é interessante conceber que a necessidade da participação e colaboração da família no ato de educar as crianças em suas múltiplas dimensões se faz necessária. Assim, são estratégias em que a educação de fato pode ser permeada ou sistematizada com esta parceria escola e família.

A importância da família na participação da educação das crianças é de fundamental pertinência, pois esta participação está legislativamente respaldada no Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 4º afirma que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Portanto, compreende-se que a educação como princípio fundamental, sendo responsabilidade de toda a família tem de uma parcela significativa para todo o processo de escolarização das crianças. Nesta premissa a escola, ou melhor, os educadores não estão alheios a este processo, pois assim a educação deve ser desenvolvida em parceria. Sendo assim, Reis (2007, p. 6) salienta que:

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos.

Concluimos o seguinte: a escola, os pais e os filhos precisam dialogar no mesmo horizonte em prol do desenvolvimento da aprendizagem e conseqüentemente da sociedade, de modo a transformar socialmente os valores e as normas que são necessárias ao bem viver de todos. Sabendo que a família tem um papel decisivo no processo de socialização e desenvolvimento cognitivo, social e psicossocial é importante entender que a família é o primeiro e principal contexto de socialização dos seres humanos, é um entorno constante na vida das pessoas; mesmo que ao longo do ciclo vital se cruze com outros contextos como a escola e o trabalho. Segundo afirmações de Evangelista; Gomes, (2003, p.203). Em se tratando do contexto escolar é tido como o segundo lar. O pertencimento que confere as crianças o sentimento de segundo lar, e por ser assim o amadurecimento vai sendo permeado no decorrer do processo das aprendizagens. Diante deste contexto fica evidente a necessidade de permear o que Tedesco (2002, p. 36), chama atenção para o apoio incondicional da família neste processo de aprendizagem, desse modo:

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou.

Desta forma, não se pode negar em hipótese alguma a importância da família no processo de ensino-aprendizagem, permeando assim uma melhor desenvoltura do educador em prol tão somente do desenvolvimento e aprendizagem das crianças e adolescentes.

CONCLUSÃO

Dialogar sobre a participação da família nas escolas do campo é importante de sobremaneira para compreendermos como que se dá o processo democrático de participação. A participação que se efetiva no contexto escolar por meio da atuação da família que comprometida com o desenvolvimento de seus filhos, mesmo, às vezes, sem saber ler, atuam ativamente na escola no cuidado do comportamento dos filhos, as questões relacionadas ao programa bolsa família e vacinas nas escolas para tratar de algumas doenças, como a gripe nos idosos. Estas características aproximam a família da escola, embora as questões educacionais em si, não sejam tocadas em sua profundidade.

É interessante perceber que dentro das possibilidades as famílias procuram participar da vida escolar dos filhos, incentivando-os a aprender, a aproveitar o que os pais não puderam na idade de seus filhos, isso porque, sabe-se que a maioria dos pais, inclusive os da 3ª idade não tiveram oportunidade de escolarização, sobretudo, por causa do trabalho que lhes expropriou o direito de estudar.

Nesta perspectiva, foi possível compreender como que se dá a participação das famílias nas escolas do campo do município de Canhotinho-Pe, é mais numa perspectiva cuidadora do que pedagógica, ou seja, os pais não influenciam tanto nos processos formativos das crianças, bem como, a gestão democrática nas escolas do campo por meio da participação das famílias ainda vem sendo forjada, lentamente a família participa das questões pedagógicas, pois sua atuação é mais de forma burocrática. As famílias se preocupam muito com o comportamento dos filhos, enquanto frequência, mas não do desenvolvimento dos processos educativos que legitimam a participação dos pais, desta forma, os momentos da participação são os de entrega das crianças na escola, questões do programa bolsa família e vacinas para serem tomadas na escola, os demais aspectos ficam a desejar enquanto participação dos e nos processos de participação.

A democracia na educação do campo ainda vem sendo forjada lentamente através de outros processos participativos, pois não houve depoimentos sobre reunião de pais e

mestres, conselho escolar, construção do projeto político pedagógico da escola, mecanismos democratizadores que possibilitam a participação efetiva dos pais nos processos educativos de seus filhos.

REFERÊNCIAS

1. BAUER, Martin W. GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.
2. BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília, 1990.
3. CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do movimento sem-terra.* Expressão popular, 2004.
4. EVANGELESTA, F; GOMES, P. de T. (orgs) *Educação para o pensar.* Campinas: Alínes, 2003.
5. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
6. GADOTTI, Moacir. *Gestão democrática com participação popular no planejamento e na organização da educação nacional.* Disponível em:http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/artigogadotti_final.pdf Acesso em 10 de mar. de 2017.
7. HENGEMÜHLE, A. *Gestão de Ensino e Práticas Pedagógicas.* 3 ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2004.
8. JESUS, Saul. *Influência dos Professores sobre os Alunos.* Coleção Cadernos Pedagógicos. N.º34 Porto: Edições Asa, 1996.
9. LAKATOS, E.M.MARCONI, M.A. *Fundamentos de metodologia científica.*5 Ed. São Paulo: Atlas 2003.
10. LÜCK, Heloísa. *A evolução da gestão educacional a partir de mudança paradigmática.* Disponível em <https://progestaoead.files.wordpress.com/2009/09/a-evolucao-da-gestao-educacional-h-luck.pdf>. Acesso em 15 de maio de 1997
11. MALDONADO, Maria T. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir.* São Paulo: Saraiva 1997.

12. MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
13. MOTTA, Fernando C. Prestes. Administração e participação: reflexões para a educação. Educação e pesquisa, São Paulo, v.29, n°. 2, p. 369-373, julh./dez. 2003.
14. PARO V. H. Gestão da escola pública: a participação da comunidade. Revista de estudos pedagógicos, 2000.
15. PIAGET, Jean. Para onde vai à educação? Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.
16. QUIVY, R; CAMPENHOUDT, L. C. Manual de investigação em ciências sociais. Gradativa, 2005.
17. REIS, Risolene Pereira. In. Mundo Jovem, n°. 373. Fev. 2007.
18. TEDESCO, J.C. O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 2002.
19. TIBA, I. Disciplina na medida certa. Novos paradigmas. São Paulo: Integrare. 2002.
20. VARJÃO, M. Ramos Barreto. FALCÃO, Jairo Luiz Fleck. Formação da equipe gestora escolar: breve reflexão. Revista científica eletrônica de pedagogia – ISSN: 1678-300X. Ano XII – n° 24 – Julho de 2014.